

Dos Reis Cabeludos ao Rei Santo:
monarquia e religião na Gália merovíngia

Prof. Dr. Edmar Checon de Freitas

Departamento de História - UFF
edmarcfreitas@gmail.com

Resumo

O trabalho analisa a construção da imagem do rei cristão nos *Decem Libri Historiarum* de Gregório de Tours (c.538-594), com ênfase no relato da conversão de Clóvis (481-511) e na atribuição de santidade a Gontrão (561-592).

Palavras-chave: Gália merovíngia, Monarquia cristã, Gregório de Tours

Abstract

This paper analyzes the construction of the image of the Christian king in the *Decem Libri Historiarum* of Gregory of Tours (c.538-594), with emphasis in the story of the conversion of Clovis (481-511) and in the attribution of sanctity to Guntram (561-592).

Keywords: Merovingian Gaul, Christian Monarchy, Gregory of Tours

No ano 511 da era cristã o rei franco Clóvis (481-511) reuniu num concílio em Orleans a maioria dos bispos de seus domínios. Na carta que os preladados então lhe enviaram ele é identificado como *rex gloriosissimus e catholicae ecclesiae filius*, louvando-se o zelo que o rei demonstrava quanto às questões de fé: “[...] *quia tanta ad religionis catholicae cultum gloriosae fidei cura uos excitat* [...]” (LES CANONS ... 1989: 71). Clóvis morreu pouco tempo depois, sendo sepultado numa igreja que ele mesmo mandara construir, dedicada aos apóstolos Pedro e Paulo e na qual também repousava Santa Genoveva. Um piedoso rei cristão, que no entanto vivera como pagão a maior parte de sua vida.

A imagem cristã de Clóvis deve muito de sua construção à pena do bispo Gregório de Tours (c.538-594). As informações por ele reunidas acerca do rei distribuem-se ao longo de dezessete capítulos do segundo de seus *Decem Libri Historiarum*.¹ Não se trata de um relato minucioso do reinado de Clóvis, mas de uma seqüência de eventos que se ajusta com precisão ao esquema narrativo de Gregório, interessado em mostrar como os francos passaram de povo quase desconhecido a senhores da Gália. À primeira vista parece se tratar de um relato bastante simples, que pode ser assim resumido:

- 466 - Nascimento de Clóvis (II,12);
- 481 - Clóvis sucede seu pai Childerico como rei dos francos (II,27);
- 486 - Luta contra Siágrio, «rei dos romanos» (II,27);
- 492 - Casamento com Clotilde, princesa burgúndia católica (II,28);
- 493-495 - Nascimento e batismo dos primeiros filhos de Clovis e Clotilde (II,29);
- 496 - Clóvis derrota os alamanos, invocando Cristo na batalha (II,30);
- 496 - Conversão e batismo de Clóvis (II,31);
- 500-501 - Guerra contra os burgúndios (II,32-33);
- 502 - Encontro com Alarico II e promessa de paz (II,35);
- 507 - Guerra contra os visigodos e vitória sobre Alarico II em Vouillé (II,37);
- Clóvis, cônsul e Augusto (II,38);
- 507-511 - Unificação dos francos sob o domínio de Clóvis (II,40-42);
- 511 - Morte de Clóvis (II,43).

Um rei pagão, guerreiro valoroso, casa-se com uma princesa cristã, converte-se ao cristianismo e obtém sucesso na ampliação de seus domínios. Essa aparente simplicidade desaparece ao olharmos mais de perto as sucessivas etapas da história de Clóvis, conforme narrada por Gregório de Tours. A primeira referência ao futuro rei ocorre antes mesmo do relato de seu nascimento. Comentando sobre a origem dos francos e sua penetração na Gália, Gregório menciona a existência de vários reis entre eles: “*Ibique juxta pagos vel civitates, reges crinitos super se creavisse, de prima, et ut ita dicam, nobiliori suorum familia. Quod postea probatum Chlodovechi victoriae tradidere* [...]” (DLH II,9).² Essa passagem toca em dois aspectos fundamentais cujos desdobramentos serão discutidos mais adiante, mas que merecem aqui ser apontados.

O primeiro deles vem a ser a fragmentação do poder real entre os francos. Embora Gregório trate esse povo como uma entidade única, ignorando suas divisões tribais, ele reconhece a pluralidade de reinos e reis. Não haveria desse modo um reino franco, mas vários. A dispersão territorial e a fragmentação política eram a regra entre os antigos francos, segundo Gregório de Tours. E não eram chefes quaisquer, mas *reges criniti*, vindos de uma família especial. Isso nos conduz ao segundo aspecto a ser destacado, a questão da legitimidade real. O texto de Gregório sugere que o direito de reinar sobre os francos provinha da nobreza da família de Clóvis. Tratava-se, portanto, de um direito adquirido pelo sangue, fundamentado na antigüidade da família, mas que necessitava ser confirmado pelo valor pessoal do guerreiro.

Evidentemente quando Gregório falava em nobreza ele a concebia nos moldes romanos. Tratava-se da mesma *nobilitas* diversas vezes por ele associada às famílias que ainda se reconheciam como senatoriais na Gália de seu tempo. É por meio dela que Gregório qualifica homens como Sidônio Apolinário (“*vir secundum saeculi dignitatem nobilissimus, et de primis Galliarum senatoribus*” – DLH II,21) e Sulpício de Bourges (“*vir valde nobilis, et de primis senatoribus Galliarum*” – DLH VI,39.). Descrição semelhante Gregório fizera de outro cidadão de Bourges, Leocádio (“*quemdam primum Galliarum senatorem*”), um dos responsáveis pela fundação da primeira igreja da cidade, em meados do século III (DLH I,29). Leocádio, aliás, era um dos antepassados do próprio Gregório, mas essa não foi a única vez em que a família do bispo de Tours foi objeto de tal descrição em sua narrativa. Ao falar da eleição de seu primo Eufrônio como bispo de Tours, Gregório registra uma observação do rei Clotário I (511-561) sobre o quanto ser nobre e antiga a família da qual provinha o sacerdote (“*Prima haec est et magna generatio*” – DLH IV,15). Note-se em todos esses exemplos a associação entre nobreza e antigüidade da família. Ser nobre significava pertencer a um grupo familiar reconhecido como tal desde tempos remotos.

É justamente a combinação que aparece na apresentação dos primeiros reis francos: *prima et nobiliorum suorum familia*. A estirpe da qual nasceu Clóvis é retratada por Gregório com os mesmos atributos da nobreza senatorial galo-romana. Ao falar de Clóvis, o primeiro rei franco que ele conseguiu identificar, o bispo de Tours retrata-o como *nobilissimus*, a mesma qualificação dada a Sidônio Apolinário, que fora prefeito de Roma e depois bispo de Clermont: “*Ferunt etiam tunc Chlogionem utilem ac nobilissimum in gente sua, regem Francorum fuisse [...]*” (DLH II,9).³ Na concepção de Gregório, o sangue que corria nas veias dos reis francos era da mesma qualidade que o sangue dos senadores romanos. Nada mais natural que governassem.

Na descrição de Clóvis um outro elemento aparece ao lado da *nobilitas*. O rei franco é também capaz, *utilis*. O mesmo adjetivo é aplicado a Childerico, o pai de Clóvis (DLH II,12). Gregório apresenta Childerico exilado na Turíngia, vivendo na corte do rei Bisino. Seu comportamento sexual lascivo provocara a ira dos francos, a ponto destes decidirem expulsá-lo. Junto aos turíngios, Childerico conheceu a rainha Basina, que o seguiu no seu retorno à Gália. Interrogada acerca dos motivos que a tinham levado a abandonar o marido para viver com o rei franco, Basina declarou ter escolhido Childerico por sua capacidade e vigor (“*Novi, inquit, utilitatem tuam, quod sis valde strenuus*”), não se furtando a admitir que teria se juntado a outro que ela soubesse ser melhor que Childerico (“*si in transmarinis partibus aliquem cognovissem utiliorem te, expetissem utique cohabitationem ejus*”).⁴

A estirpe da qual sairia Clóvis possuía como atributos a *nobilitas* e a *utilitas*. A primeira adquiria-se por nascimento, a segunda exigia a prova do campo de batalha. Para Gregório, Clóvis possuía ambas, daí destacar sua grandeza e habilidade guerreira quando registra o nascimento do rei: “*hic fuit magnus, et pugnator egregius*” (DLH II,12).⁵ Clóvis, portanto, era nobre e valoroso guerreiro, mas isso também se aplicava a seus antepassados. O evento central que viria a distingui-lo dentro de sua família seria sua conversão ao cristianismo. Antes disso seu reinado era como o de qualquer outro rei franco, sujeito a sucessos e fracassos. Por isso Gregório apenas anuncia, de forma discreta, a sucessão de Childerico por Clóvis: “*Mortuo Childerico, regnavit Chlodovechus, filius ejus, pro eo*” (II,27).⁶

O reino que herdara compreendia uma pequena região ao Norte da Gália, centrada em Tournai e Reims. A maior parte das terras gaulesas estava então nas mãos dos visigodos e dos burgúndios.⁷ Gregório de Tours nos relata então as primeiras lutas por meio das quais o novo rei franco vai alargando seus domínios. Ele derrota e manda executar Siágrio, filho de um antigo oficial romano, que reinava em Soissons (DLH II,27).⁸ Em seguida submete os

turingios e, casando-se com Clotilde, sobrinha do rei dos burgúndios, alia-se a esse povo (DLH II,28).

Ao tratar do princípio do reinado de Clóvis Gregório de Tours destaca, por um lado, a coragem e a firmeza do rei, atemorizando os adversários. Por outro, sublinha que se tratava ainda de um rei pagão, “prisioneiro dos erros do fanatismo”, cujo exército pilhava as igrejas (DLH II,27). O rei, contudo, procurava manter um bom relacionamento com os bispos. Quando da tomada de Soissons, quis atender o pedido do bispo local, devolvendo-lhe um precioso vaso. Um dos soldados se opôs e partiu o vaso com o machado, somente podendo o rei restituí-lo em pedaços. Mais tarde, partiu ele próprio com o machado a cabeça do soldado.

O casamento de Clóvis com Clotilde marca o começo de uma nova etapa na vida do rei. Embora os burgúndios fossem predominantemente arianos, Clotilde provinha de um núcleo católico existente na casa real. Clóvis, pagão, se ligara anteriormente a uma princesa franca, provavelmente também pagã. Uma das irmãs do rei era ariana e outra fora dada em casamento ao rei ostrogodo Teodorico, também ele ariano.⁹ A esse credo pertencia na verdade a maior parte dos povos que circundavam os domínios de Clóvis. Com a chegada de Clotilde o palácio, a vida e a política do rei franco tornavam-se cada vez mais complicados em termos religiosos.¹⁰

CLÓVIS, REI CRISTÃO

Por volta do ano 500, numa noite de natal, o bispo Remígio de Reims batizou Clóvis, rei dos francos. A história da Gália franca sofreria a partir desse evento uma mudança radical. Pois não se tratava apenas de uma mudança na orientação religiosa do rei, mas sim o alinhamento definitivo de seu governo à corrente católica predominante entre a aristocracia galo-romana. Convertendo-se ao cristianismo de matiz niceno, Clóvis rompia não apenas com o paganismo de seus ancestrais, mas se tornava também o único rei católico no Ocidente, em meio a um mosaico de povos arianos. O batismo do rei dos francos adquiria assim uma dimensão política que ultrapassava as fronteiras de seus domínios.

O relato de Gregório de Tours acerca da conversão de Clóvis pode ser dividido em quatro etapas: a evangelização doméstica levada a cabo por Clotilde; o compromisso de fé no campo de batalha; o aprendizado junto a Remígio de Reims e o batismo. A primeira dessas etapas envolve dois movimentos da parte da rainha: a pregação e o batismo dos filhos.

O início da ação evangelizadora de Clotilde sobre Clóvis é associado por Gregório de Tours ao nascimento do primeiro filho do casal, Ingomer (DLH II,29). Pretendendo batizá-lo, Clotilde passa a tentar convencer Clóvis da falsidade de seus deuses. O ponto central vem a ser a *potentia*, ou antes a ausência dela, que o discurso cristão da rainha associa aos deuses pagãos, ao mesmo tempo em que identifica pejorativamente os prodígios atribuídos aos mesmos com a magia. Clóvis não se convence, insistindo na superioridade de seus deuses.

Começa então o segundo movimento (DLH II, 29). Clotilde prepara com toda a solenidade o batizado de Ingomer, tentando impressionar o rei com a grandiosidade da cerimônia. Mas o menino morre logo em seguida, o que Clóvis atribui ao batismo, reprovando a iniciativa de Clotilde. Na fala que Gregório atribui ao rei há uma associação entre a doença que vitimou Ingomer e uma fraqueza advinda do cristianismo. A resposta de Clotilde remete a questão para outro plano, declarando-se a mãe feliz por ter seu filho entrado no reino celeste. Tendo ele morrido logo após o batismo estaria sob os cuidados divinos.

A mesma situação se repetiria após o nascimento e batismo do segundo filho, Clodomer. Também este tendo ficado doente, Clóvis atribui o fato à religião da esposa. Na visão do rei,

uma vez batizado em nome de Cristo ele não poderia sobreviver. Mas Clodomer sobrevive, o que Gregório interpreta como uma graça obtida por meio das orações da mãe.

A narrativa de Gregório estabelece desse modo uma oposição entre fraqueza e força ao comparar os dois credos, mas dentro da lógica cristã as imagens aparecem invertidas, como num espelho. Os fatos parecem confirmar a visão de Clóvis: o cristianismo e seu Deus eram fracos por natureza, fraqueza essa que se transmitiria para seus adeptos. O *pugnator egregius* devia sua força a seus deuses, mas os filhos por ele gerados não sobreviviam em razão da contaminação cristã que se dava no batismo. Mas as várias falas atribuídas a Clotilde vão revelando o que de fato seria a verdade, aos olhos do bispo de Tours. Daí a insistência no caráter inanimado dos deuses e a referência a dois elementos fundamentais da religião cristã: a salvação e o poder da oração. Ao falar do menino Ingomer sendo nutrido por Deus, Gregório o coloca num plano bem superior ao de seu pai. O fraco e doente príncipe suplantava na eternidade o poderoso rei franco. No caso de Clodomer a força divina atuava mediante oração, expressão exterior da fé. Fortes e fracos trocam de posição.

É justamente como um homem enfraquecido que Gregório nos apresenta Clóvis, ao iniciar a segunda etapa da narrativa de sua conversão. Numa batalha contra os alamanos o rei franco se vê praticamente perdido, acossado de todos os lados pelo inimigo. Apela então para Cristo:

Jesu Christe, quem Chrotechildis praedicat esse filium Dei vivi, qui dare auxilium laborantibus, victoriamque in te sperantibus tribuere diceris, tuae opis gloriam devotus efflagito: ut si mihi victoriam super hos hostes indulseris, et expertus fuero illam virtutem, quam de te populus tuo nomini dicatus probasse se praedicat, credam tibi, et in nomine tuo baptizer (DLH II,30).¹¹

Os alamanos repentinamente batem em retirada e Clóvis vence.¹² O ponto central do relato de Gregório é a experiência que Clóvis faz da *potentia* do Deus cristão. Se ele resistia às insistentes investidas de Clotilde por confiar na força de seus deuses o desfecho da batalha contra os alamanos apontava na direção contrária. Por isso Gregório assinala a decepção do rei para com suas divindades: “*Invocavi enim deos meos, sed ut experior, elongati sunt ab auxilio meo: unde credo eos nullius esse potestatis praeditos, qui sibi obedientibus non occurrunt*” (II,30).¹³ Ao mesmo tempo Clóvis experimentava o poder de Cristo, justamente no contexto que lhe era mais caro: o campo de batalha.

Gregório preparava também o caminho para uma associação entre as imagens de Clóvis e de Constantino, o imperador que se aproximara do cristianismo às vésperas de uma batalha. Não havia ocorrido, contudo, uma conversão de Clóvis. Gregório apenas registra uma experiência positiva do rei com o cristianismo e uma decepção com relação a seus deuses, mas não uma rejeição total dos mesmos. Aparentemente Clóvis estava integrando Cristo no conjunto de divindades que cultuava. Daí a necessidade da etapa seguinte, a instrução na fé cristã. De acordo com o relato do bispo de Tours, Clotilde manda chamar secretamente Remígio de Reims, confiando-lhe a catequese do marido (DLH II,31). A razão de tal segredo emerge logo em seguida: Clóvis aceita o ensinamento do bispo, mas teme ser abandonado pelo povo franco, que não estaria disposto a abandonar seus deuses (“*populus qui me sequitur, non patitur relinquere deos suos*”). O poder divino (*potentia Dei*) teria então se manifestado, e antes mesmo que o bispo se dirigisse aos francos eles decidiram aceitar a fé cristã. Somente após a anuência de seu povo é que o rei se deixa batizar (DLH II,31).

Segundo Gregório de Tours, a cerimônia organizada por Remígio foi grandiosa. O efeito dos adornos, luzes e odores era tal que os presentes se sentiam transportados ao paraíso (“*aestimarent se paradisi odoribus collocari*”). Clóvis toma a iniciativa, pedindo que o bispo o batize em primeiro lugar: “*Procedit novus Constantinus ad lavacrum, deleturus leprae*

veteris morbum, sordentesque maculas gestas antiquitus recenti latice deleturus” (II,31).¹⁴ Com essa referência explícita a Constantino — reforçada por uma comparação ente Remígio e São Silvestre, o papa que teria batizado o imperador — o relato de Gregório de Tours acerca da conversão de Clóvis atinge seu clímax. Mas a comparação entre o rei franco e o imperador romano deve ser compreendida dentro da lógica narrativa seguida pelo bispo de Tours. No livro I o governo de Constantino é saudado por Gregório como uma era de felicidade (“*annis triginta regnans feliciter*”), à qual ele associa a liberdade de culto concedida aos cristãos, a descoberta da verdadeira cruz de Cristo mediante os esforços da mãe do imperador, Helena, além do nascimento de São Martinho, evangelizador da Gália e patrono de Tours, a sé episcopal do próprio Gregório (DLH I,34). O ponto central situa-se na ruptura representada por Constantino. Até seu governo, o Império e o cristianismo são apresentados no texto de Gregório como forças antagônicas. Mas após o mesmo, o Império é cristão, a ameaça agora sendo representada pelas heresias, principalmente o arianismo. Constantino não é retratado nem como bom nem como mau imperador, pois o que interessava a Gregório era o significado de seu governo para a história cristã, o marco a partir do qual o Império se convertera.¹⁵

Era exatamente esse caráter de ruptura com o passado pagão e o início de uma era cristã que interessava a Gregório associar à conversão de Clóvis. É esse o sentido da frase pronunciada por Remígio ao batizar o rei: “*Mitis depone colla, Sicamber : adora quod incendisti, incende quod adorasti*” (DLH II,31).¹⁶ É também como um sinal dos novos tempos que Gregório conclui seu relato da cerimônia, informando que mais de três mil guerreiros foram batizados na mesma ocasião, bem como uma das irmãs de Clóvis, Aubofleda, que veio a morrer pouco tempo depois. Uma outra irmã, Lantequilde, já cristã ariana, teria aceitado a fé católica e recebido a unção do crisma. O novo Constantino já abria caminho para a difusão da nova crença, avançando tanto sobre o paganismo quanto sobre o arianismo. Essa é a síntese da mensagem de Gregório.

Segundo a cronologia de Gregório de Tours, nos anos seguintes a sua conversão Clóvis expandiu seu poder por quase toda a Gália. Seu primeiro movimento teia sido na direção dos burgúndios (502-505), sobre quem obteve uma vitória temporária (DLH II,22-23). Mais tarde fez guerra contra os visigodos de Alarico II, que foi morto na batalha de Vouillé, em 507 (DLH II,37).¹⁷ A região ao sul do Loire passou para o controle franco, embora posteriormente a Provença tenha sido ocupada pelos ostrogodos, que garantiram a presença dos visigodos na Septimânia.

Clóvis tratou também de consolidar seu domínio entre os francos, o que exigiu o extermínio de membros de sua parentela.¹⁸ Com uma ponta de sarcasmo, Gregório de Tours nos conta que Clóvis, nos últimos anos de seu reinado, procurava ainda por remanescentes de sua família, não para festejar com eles, mas sim para matá-los: “*Vae mihi, qui tanquam peregrinus inter extraneos remansi, et non habeo de parentibus, qui mihi, si venerit adversitas, possit aliquid adjuvare.*’ Sed hoc non de morte horum condolens, sed dolo dicebat, si forte potuisset adhuc aliquem reperire, ut interficeret” (DLH II,42).¹⁹

A campanha contra os visigodos (DLH II, 37) merece uma atenção especial, pois lança luz sobre a imagem de Clóvis que Gregório procurou registrar. O rei aparece nela como o campeão da fé católica, disposto a livrar toda a Gália da presença ariana: “*Valde moleste fero, quod hi Ariani partem teneant Galliarum. Eamus cum Dei adjutorio, et superatis redigamus terram in ditionem nostram*”.²⁰ A campanha contra os visigodos vem a ser o ponto alto da trajetória conquistadora de Clóvis, conforme narrada por Gregório de Tours. A conjunção entre a disposição do rei e os favores divinos fica explícita. Sinais do céu acompanham o rei, especialmente associados aos santos Hilário de Poitiers e Martinho de Tours, campões da luta contra o arianismo na Gália.

Com receio de ofender São Martinho, Clóvis proíbe que a população da Tournaine seja espoliada por suas tropas, mandando executar sumariamente um soldado que descumprira a ordem: “*Et ubi erit spes victoriae, si beatus Martinus offenditur?*”.²¹ Clóvis manda emissários carregados de presentes à basílica do santo, em Tours, com a incumbência de perscrutar qualquer presságio que pudesse revelar de que modo se decidiria a guerra. Na oração que Gregório atribui a Clóvis, fica mais uma vez evidente a posição de defensor da fé católica que o rei assume: “*Si tu, Domine, adjutor mihi es, et gentem hanc incredulam, semperque aemulam tibi, meis manibus tradere decrevisti, in ingressu basilicae sancti Martini dignare propitius revelare, ut cognoscam, quia propitius dignaberis esse famulo tuo*”.²²

Os sinais miraculosos começam a aparecer. Quando os emissários de Clóvis chegam à igreja, um salmo em que Davi agradece a Deus por ter triunfado sobre Saul e seus demais inimigos é cantado na antífona, o que é tomado pelos francos como uma resposta favorável à oração de Clóvis (Sl 18,40-41).²³ Habilmente o bispo de Tours faz coincidir a imagem do rei franco com a de Davi, o rei guerreiro por excelência, que lutava sob a proteção divina. Trata-se de uma associação poderosa, efetuada no ponto exato da narrativa em que Clóvis é retratado partindo para combater os visigodos em nome da fé à qual se convertera. Como Davi diante de Saul, Clóvis teria diante de si um rei que, aos olhos de Gregório, desviava-se da verdadeira crença.

O avanço do exército franco é acompanhado por novas demonstrações de que Deus estava com eles. Mas se olharmos atentamente o texto de Gregório continuaremos a encontrar nele elementos retirados do mesmo salmo citado acima. Assim, ao se aproximar de um rio cujas águas estavam bem acima de seu nível normal, os francos não sabiam como atravessá-lo. Clóvis ora, e mais uma vez pede um sinal (“*illa nocte Dominum deprecatus fuisset*”). Pela manhã, uma grande cerva que entrou na água lhes mostrou o caminho (“Lá do alto ele manda apanhar-me, ele me retira das águas imensas” – Sl 18,17).²⁴ Em Poitiers uma bola de fogo sai da igreja de Santo Hilário e brilha acima da tenda de Clóvis, demonstrando o favor do santo (“Fazes luzir minha lâmpada. O Senhor meu Deus ilumina minhas trevas” – Sl 18,29).

Chega o momento da batalha, a qual é brevemente descrita por Gregório. Clóvis vence com a ajuda de Deus (“*Chlodovechus victoriam, Domino adjuvante obtinuit*”), matando com as próprias mãos o rei Alarico II (“Persigo meus inimigos, eu os alcanço, não retorno antes de derrotá-los. Eu os massacro, não conseguem erguer-se, tombam a meus pés” – Sl 18,38-39). Dois godos tentam feri-lo, mas ele escapa galopando velozmente (“Tu me libertas dos meus inimigos; mais ainda: fazes-me triunfar sobre meus agressores e me livras de homens violentos” – Sl 18,49). Clóvis e seu filho Teuderico submetem as cidades do sul da Gália. Em Angoulême, por graça de Deus (“*Dominus tantam gratiam tribuit*”) os muros se abrem à vista de Clóvis (“É contigo que transponho o fosso, é com meu Deus que atravesso a muralha” – Sl 18,30).

O Salmo 18 fornece um roteiro para a leitura da narrativa de Gregório acerca da guerra entre Clóvis e Alarico. O bispo de Tours guarda um silêncio absoluto quanto às possíveis motivações de ordem política e econômica que estariam por detrás das ações dos francos. Tudo fica assim confinado ao plano da luta religiosa. Clóvis atacara movido pelo desejo de expulsar os arianos, comportando-se como zeloso guardião da fé que abraçara. Era um guerreiro que lutava em nome de Deus, e que tinha Deus a seu lado. Transferindo a Clóvis os atributos do guerreiro do Salmo 18, Gregório de Tours fazia dele um novo Davi.

Finda a guerra restava ao rei mostrar-se agradecido. Ele então volta a Tours, onde cumula de presentes a igreja de São Martinho (DLH II,37). Lá mesmo recebe do imperador Anastácio as honras consulares, percorrendo em seguida a cavalo o trajeto que separava a basílica do santo da catedral. Gregório descreve a cena, tingindo-a com cores imperiais:

Igitur Chlodovechus ab Anastasio imperatore codicillos de consulatu accepit, et in basilica beati Martini tunica blatea indutus est et chlamyde, imponens vertici diadema. Tunc ascenso equite aurum argentumque in itinere illo, quod inter portam atrii basilicae beati Martini et ecclesiam civitatis est, praesentibus populis manu propria spargens, voluntate benignissima erogavit, et ab ea die tanquam consul aut Augustus est vocitatus (DLH II,38).²⁵

É provável que Clóvis tenha recebido da parte de Anastácio apenas um consulado honorário e talvez o título *patricius* (ROUCHE 1996: 315), mas certamente não o de Augusto. De qualquer modo, a imagem imperial servia bem aos propósitos do autor dos *Decem Libri Historiarum*, que alguns capítulos antes havia comparado o rei franco a Constantino. Vencedor dos hereges, ele iniciava uma nova época na Gália. Colocando o diadema em sua cabeça Clóvis assumia o papel de senhor dos povos.

Clóvis, um novo Constantino e um novo Davi. A imagem imperial atendia às sensibilidades romanas de homens como Gregório, ainda orgulhosos de pertencerem a famílias senatoriais. Por outro lado, o Clóvis davídico recuperava a tradição bíblica régia e ao mesmo tempo aproximava-se do modelo germânico de líder guerreiro. O Clóvis-Constantino remetia ao plano universal, inaugurando uma nova era cristã. O Clóvis-Davi, o rei guerreiro que orava, o rei que servia a Deus e era por ele agraciado com vitórias, era também um líder tribal. Mas não nos esqueçamos que, para os cristãos, fora da linhagem de Davi que saíra Jesus Cristo. Associar um rei a Davi significava atribuir ao seu reino uma dimensão cristã. O *rex Francorum* que se fizera *rex Romanorum* nascera com a *nobilitas* e demonstrara possuir a *utilitas*. Mediante sua conversão ele passou contar também com a *gratia Dei*, o que projetou sobre ele e seu povo as imagens do Império Cristão e do reino messiânico.

Ao se aproximar do fim do relato dos feitos de Clóvis, e após narrar como o mesmo se apoderara do reino dos francos de Colônia, Gregório associa a ampliação dos domínios do rei a sua conduta perante Deus: “*Prosternebat enim quotidie Deus hostes ejus sub manu ipsius, et augebat regnum ejus, eo quod ambularet recto corde coram eo, et faceret quae placita erant in oculis ejus*”(DLH II, 40).²⁶ Três elementos estão aqui presentes: Clóvis é apresentado como fiel ao batismo em seu coração (*ambularet recto corde*), externando tal fidelidade por meio de ações agradáveis a Deus (*faceret quae placita erant in oculis ejus*), o que por sua vez lhe trazia como recompensa a ampliação dos domínios (*augebat regnum ejus*). A mesma idéia é retomada mais adiante, após o relato de mais algumas mortes a mando de Clóvis de vários de seus parentes e aliados: “*Interfectisque et aliis multis regibus, vel parentibus suis primis, de quibus zelum habebat, ne ei regnum auferrent, regnum suum per totas Gallias dilatavit*” (DLH II, 42).²⁷ Dilatar o reino e conquistar toda a Gália (*regnum suum per totas Gallias dilatavit*); prosperar graças à proteção divina (*Deus augebat regnum ejus*); as expressões usadas por Gregório apontam na mesma direção: o estabelecimento de um reino franco, submetido a um único rei, que professava a fé cristã. Para Gregório, esse foi o legado de Clóvis.

A REALEZA CRISTÃ

O segundo dos *Decem Libri Historiarum* termina com a morte de Clóvis, o primeiro dos reis francos a ser sepultado *ad sanctos*, no interior da igreja dos Santos Apóstolos, em Paris (DLH II,43). Gregório de Tours procura datá-la com precisão, tomando como referências a morte de São Martinho, o episcopado de Licínio de Tours e a batalha de Vouillé.²⁸ Não se

tratava apenas de zelo de historiador. Concluindo o livro com o registro da morte do rei, Gregório fazia do mesmo um outro marco temporal, uma nova referência para a compreensão da própria história que ele narrava. O bispo de Tours fizera algo semelhante com São Martinho. A morte do santo que trouxera a luz da fé cristã à Gália concluíra o livro I; a do rei que levava os francos ao cristianismo e garantira a supremacia católica na Gália era o ponto de chegada do livro II.

A posição ocupada pelos capítulos dedicados a Clóvis na narrativa de Gregório tem muito a revelar acerca do papel atribuído pelo autor à conversão do rei. A porção do texto que antecede tais capítulos revela um quadro desolador para a Gália e o Ocidente em geral. Vândalos e godos arianos perseguem os católicos, a Gália é invadida pelos hunos e outros povos bárbaros. Guerras, pilhagens, destruição por toda a parte, o quadro descrito por Gregório é efetivamente caótico. A situação dos católicos frente aos arianos mereceu um cuidado especial da parte do bispo de Tours. Ele retrata perseguições violentas movidas pelos monarcas arianos, especialmente nos reinos do vândalos e dos visigodos. A narrativa aproxima-se bastante do estilo das *passiones* dos mártires vitimados pelas perseguições do Império Romano.

Os francos surgem na sua história exatamente em meio a esses conflitos, mas isso não altera o tom da narrativa. As campanhas de Childerico fazem parte do mesmo cenário confuso descrito antes. O sangue e o fogo predominam na Gália. O aparecimento de Clóvis, sugestivamente localizado no texto logo após o relato de uma perseguição movida pelo rei visigodo Eurico, serve como um sinal da chegada de novos tempos. Mas, como vimos, os exércitos francos ainda são associados a pilhagens de igrejas. É somente após o relato da conversão de Clóvis que a paisagem efetivamente muda. Pela mão e pela espada de Clóvis a obra de São Martinho se completava, uma Gália cristã e católica sendo construída sob o domínio franco.

Recordamos essa seqüência de eventos para enfatizar um ponto: a narrativa gregoriana dos feitos de Clóvis descreve um movimento que conduz a Gália do caos à ordem. O rei franco é o personagem que aparece no primeiro plano, mas nos bastidores percebe-se a movimentação inquieta dos bispos. São eles afinal que indicam ao rei o caminho a ser seguido, seja diretamente, seja por meio de um intermediário qualificado, como a rainha Clotilde. Enquanto a Gália vivia entregue às forças caóticas das guerras e perseguições, os bispos constituíam no relato de Gregório como que um oásis em meio a um deserto. Por isso Gregório adverte, logo no prólogo do livro II: “[...] *tam virtutes sanctorum, quam strages gentium memoramus*” (II, *Prologus*).²⁹ Eugênio de Cartago, Aravátio de Tongres, Aniano de Orleans, Sidônio Apolinário, Perpétuo de Tours, Remígio de Reims, Avito de Vienne, estes e outros bispos formam o núcleo onde se manifestam as *virtutes sanctorum*, contrabalançando os efeitos maléficos derivados das ações dos chefes guerreiros (*strages gentium*). Clóvis é o líder bárbaro que dá o passo decisivo. Convertendo-se ao cristianismo ele aproxima os dois campos, a guerra e a ordem cristã. A pregação dos bispos católicos da Gália canalizava a energia guerreira dos francos para a luta contra o arianismo. Doravante as batalhas de Clóvis não seriam mais desagregadoras, contribuindo, ao contrário, para o estabelecimento da ordem católica na Gália. As guerras do Clóvis batizado, como as de Davi ou as de Constantino, são para Gregório de Tours guerras divinas, geradoras de uma sociedade cristã.

Esse movimento que leva do caos à ordem é acompanhado de outro, que vai da dispersão à unidade. Os francos aparecem no texto de Gregório divididos em vários reinos, cada um com seu *rex crinitus*. Ao final do livro II resta somente um rei, Clóvis. Os inimigos arianos são vencidos e os rivais de Clóvis exterminados. A unidade é fruto da ordem que o cristianismo traz à dominação franca. Ao falar dos antigos francos, Gregório de Tours se mostra perplexo por não encontrar em suas fontes o nome do primeiro rei desse povo (DLH

II, 9). Ele percorre as obras de Sulpício Alexandre, Renato Frigeridus e Paulo Orósio, mas encontra somente referências a duques e reis francos, nas quais não aparece o nome do primeiro rei. Logo em seguida a essa investigação acerca dos primeiros reis francos, vem uma longa crítica das práticas idolátricas dos primeiros francos (DLH II, 10). Estruturando o texto desse modo, Gregório fixa a imagem dos francos como pagãos que viviam dispersos, sem uma autoridade central que pudesse uni-los. O batismo de Clóvis, mais uma vez, figura como um ponto de inflexão. Sob a liderança de um rei cristão, os reinos francos são unificados.

Gregório de Tours escrevia lançando um olhar atento sobre seu próprio tempo, no qual os netos de Clóvis lutavam entre si. A imagem de um reino unificado e ordenado segundo os preceitos católicos era fundamental para a mensagem que queria transmitir. Ao iniciar o livro III de sua narrativa, ele explicita as causas da estabilidade franca obtida por Clóvis, cujas atitudes são tomadas como exemplares. O prólogo desse livro estabelece uma comparação entre a felicidade dos cristãos que confessaram a Trindade e a ruína dos heréticos. Exemplos de fé são apontados: Abraão, Jacó, Moisés e Davi. Em seguida, Gregório opõe Ário a Santo Hilário e Clóvis a Alarico. Um bispo, venerado como santo, mestre de São Martinho, e um rei que se fizera cristão e demonstrara grande devoção para com o mesmo santo de Tours. A ortodoxia do cristianismo de Clóvis figura aí como a razão de sua prosperidade:

Arius enim, qui hujus iniquae sectae primus iniquisque inventor fuit, interioribus in secessum depositis, infernalibus ignibus subditur: Hilarius vero beatus individuae Trinitatis defensor, propter hanc in exilium deditus, et patriae paradiso restauratur. Hanc Chlodovechus rex confessus, ipsos haereticos adjutorio ejus oppressit, regnumque suum per totas Gallias dilatavit: Alaricus hanc denegans, a regno et populo, atque ab ipsa, quod majus est, vita mulctatur aeterna (DLH III, *Prologus*).³⁰

Note-se a repetição da fórmula já empregada quando da narrativa da unificação franca — “*regnum suum per totas Gallias dilatavit*” — agora explicitamente associada à fé professada por Clóvis, “*rex confessus*”. Advertência semelhante o bispo de Tours faz no prólogo do livro V de sua narrativa, censurando os netos de Clóvis por suas lutas fratricidas. O exemplo do avô é então evocado: “*Recordamini quid caput victoriarum vestrarum Chlodovechus fecerit, qui adversos reges interfecit, noxias gentes elisit, patrias gentes subjugavit: quarum regnum vobis integrum illaesumque reliquit*” (DLH V, *Prologus*).³¹ O centro das preocupações de Gregório residia aí, na integridade do reino. Se no passado existiram vários reinos francos, cada um com seu *rex crinitus*, agora eles estavam reunidos num só. A fé cristã, encarnada por Clóvis, era a responsável por isso. O *pugnator egregius*, que nascera com a *nobilitas* e demonstrara possuir a *utilitas*, passara a contar após o batismo com a *gratia Dei*, mediante a qual levara os francos da dispersão à unidade e a Gália do caos à ordem.³²

É sobre a conservação dessa ordem cristã que insiste Gregório de Tours ao longo do restante de seus *Decem Libri Historiarum*. Os reis francos, filhos e netos de Clóvis, são apresentados como promotores ou adversários da mesma, recebendo por isso prêmio ou castigo da Providência divina.³³ O aspecto decisivo residia na identificação de determinado rei como cumpridor da vontade de Deus, atendo-se à obediência a quem, aos olhos de Gregório de Tours, representava a mesma no mundo: a Igreja. A morte de reis como Clodomer (511-524 — DLH III, 7), Cariberto (561-567 — DLH IV, 26), Sigeberto I (561-575 — DLH IV, 52) e Chilperico (511-584 — DLH VI, 46) é atribuída à falta de atenção para com as advertências e determinações de autoridades religiosas. O caso de Chilperico é o mais exemplar. Gregório de Tours associa a esse rei uma série de vícios e um caráter malévolo,

além de mostrá-lo como inimigo da Igreja, o que é sintetizado na identificação do mesmo com Nero e Herodes (DLH VI,46).

Por outro lado, Clotário I (511-561), é louvado por depositar a confiança em Deus (DLH III,28) e respeitar o conselho dos bispos e os privilégios fiscais da Igreja (DLH IV,2; IV,9). Ao se preparar para enfrentar em batalha Chram, seu filho rebelado, o rei é comparado a Davi em luta contra Absalão, seu filho:

Ibatque Chlothacharius rex tanquam novus David contra Absalonem filium pugnaturus, plangens atque dicens: “Respice, Domine, de coelo, et judica causam meam, quia injuste a filio injurias patior. Respice, et judica juste; illudque impone judicium, quod quondam inter Absalonem et patrem ejus David posuisti” (DLH IV,20).³⁴

Teudeberto I (534-548) também mereceu da parte de Gregório grandes elogios:

At ille in regno firmatus, magnum se atque in omni bonitate praecipuum reddidit. Erat enim regnum cum justitia regens, sacerdotes venerans, ecclesias munerans, pauperes relevans, et multa multis beneficia pia ac dulcissima accommodans voluntate (DLH III,25).³⁵

Justiça, caridade, bondade, piedade, respeito aos bispos. Os atributos próprios de um bom rei incluíam não somente a nobreza e valor pessoal, mas um conjunto de virtudes que o qualificava como mantenedor da ordem cristã em seus domínios, zelando principalmente pela paz interna, garantia da preservação da integridade do reino. Esses elementos se reúnem de forma enfática na caracterização de Gontrão (561-592), o *bonus rex*. Também ele, em batalha, depositara sua confiança em Deus (“*Guntchramnus vero rex cum exercitu contra fratrem suum advenit, totam spem in Dei judicio collocans*” —DLH VI,31). Como Teudeberto, justiça e piedade nele se manifestavam: “*Ipse autem rex, ut saepe diximus, in eleemosynis magnus, in vigiliis atque jejuniis promptus erat*” (DLH IX,21).³⁶ Não apenas esse rei praticava tais virtudes, mas liderava seu povo nas vigílias e jejuns, o que o leva a ser colocado no mesmo plano dos bispos: “[...] *ut jam tunc non rex tantum, sed etiam sacerdos Domini putaretur, totam spem suam in Domini miserationem transfundes, et in ipso jactans cogitationes, quae ei superveniebant, a quo eas effectui tradi tota fidei integritate putabat*” (DLH IX,21).³⁷ O ponto culminante no retrato de Gontrão é a sua associação à realização de milagres, seja a cura pelo toque de uma doente em seu manto ou exorcismos produzidos pela simples invocação de seu nome (*nomen ejus invocantes* — DLH IX,21). Gontrão, o bom rei cuja piedade o tornava comparável aos bispos, atingia o estatuto da santidade. O termo usado por Gregório para falar das curas produzidas sob a invocação do nome do rei é o mesmo que ele várias vezes utiliza para se referir aos poderes miraculosos dos santos: *virtus*. Note-se que, no texto gregoriano, a santidade de Gontrão deriva de suas virtudes, não de sua condição régia. Um rei santo à testa do povo, mas não santo por ser rei.

Um último aspecto merece ainda destaque. Tanto Gontrão quanto Clotário não são apresentados durante toda a narrativa como reis ou cristãos virtuosos. Ao contrário, ambos aparecem cometendo crimes, inclusive derramando o sangue dos próprios filhos.³⁸ Mas ambos também assumem ao longo do texto do bispo de Tours uma atitude penitencial. Clotário, pouco antes de morrer, vai em peregrinação à basílica de São Martinho, em Tours, onde implora o perdão por seus pecados (DLH IV,21). Segundo Gregório, Gontrão, por sua vez, castigado com a perda de todos os filhos, reconhece seus pecados e passa a se comportar de maneira piedosa (DLH V,18). Finalmente, Clotário e Gontrão aparecem freqüentemente no texto gregoriano buscando a paz com os demais reis merovíngios, zelando pelos bens eclesiásticos e pela disciplina na Igreja. Em conjunto esses elementos dispersos no relato do

bispo de Tours retomam o tema da passagem do caos à ordem cristã. Sua trajetória pessoal segue do caos do pecado à harmonia da reconciliação com Deus, enquanto seus reinos são levados da guerra à paz e da fragmentação à unidade.³⁹

É nesse contexto que deve ser entendida a santidade de Gontrão. As curas e exorcismos sinalizam situações de libertação do pecado. O rei penitente que se liberta de seus pecados pessoais é aquele que é capaz de conduzir seu povo no caminho da ordem cristã, acolhendo os conselhos dos bispos, zelando pela manutenção da disciplina eclesiástica e pela observância das decisões conciliares, liderando vigílias e jejuns, e operando prodígios. Martin Heinzelmann (2001: 51-75) demonstra haver no texto gregoriano uma associação entre Gontrão e Ezequias, rei de Judá (2Rs 18; 19; 20), fiel a Deus mas sofrendo em meio aos pecados de seu povo. No texto bíblico, Ezequias é comparado a Davi, a cuja linhagem pertencia, ambos tendo feito “o que é reto aos olhos do Senhor” (2Rs 18, 3-7). Gontrão, novo Ezequias, era de certo modo também um novo Davi. Rei fiel, rei guerreiro, rei pecador, rei penitente.

Curiosamente o reconhecimento do pecado e mesmo o gesto penitencial também são relatados por Gregório como atitudes de Chilperico. Mas a reincidência no pecado e, sobretudo, a oposição à Igreja, na pessoa das lideranças episcopais, o teriam levado à ruína. Mesmo morto Chilperico, Gregório de Tours não lhe deu descanso. No livro VIII ele narra um sonho de Gontrão no qual Chilperico aparece padecendo no Inferno, lançado a um caldeirão fervente, onde é totalmente desintegrado, não sobrando nenhum vestígio dele (“*Nec mora, inter undarum vapores ita dissolutus ac liquefactus est, ut nullum ex eo penitus indicium remaneret*” — DLH VIII,5). Enquanto Gontrão eleva-se do pecado à glória da santidade, Chilperico é precipitado da glória mundana às penas infernais e é aniquilado até mesmo do mundo dos mortos.

A longa cabeleira continuava a se derramar sobre os ombros dos reis francos, mas os tempos eram outros. Para homens como Gregório de Tours a nobreza e antigüidade merovíngias que ela expressava não eram suficientes. Os reis deveriam ser, sobretudo, promotores e mantenedores da ordem cristã no reino, fazendo dele um pedaço do céu na terra.

ABREVIATURAS

DLH – *Decem Libri Historiarum*.

Sl – Livro dos Salmos.

2Rs – Segundo Livro dos Reis

DOCUMENTAÇÃO

BÍBLIA. Português. *A Bíblia*: tradução ecumênica bíblica. Traduzida sob a direção de Gabriel C. Galache. São Pulo: Loyola: Paulinas, 1995.

GRÉGOIRE DE TOURS. *Histoire des Francs*. Tradução de Robert Latouche. Paris: Les Belles-Lettres, 1999. 2t.

GREGORIUS TURONENSIS. *Opera omnia*. In: MIGNE, J.-P. (ed.). *S. Georgii Florentini Gregorii Turonensis episcopi opera omnia necnon Fredegarii scholastici epitome et chronicum cum suis continuatoribus et aliis antiquis monumentis*. Texto originalmente estabelecido por Thierry Ruinart (1699). Paris: Bibliothecae Cleri Universae, 1867 (Patrologia Latina, 71), col. 158-572.

LES CANONS des conciles mérovingiens (VIe-VIIe siècles). Texto latino e tradução de Jean Gaudemet e Brigitte Basdevant. Paris: Éditions du Cerf, 1989. 2.v. (Coleção “Sources Chrétiennes”, n.353-354).

BIBLIOGRAFIA

- GEARY, Patrick J. *Before France and Germany: the creation and transformation of the Merovingian world*. New York: Oxford University Press, 1988.
- GOFFART, Walter. From *Historiae* to *Historia Francorum* and back again: aspects of the textual history of Gregory of Tours. In: NOBLE, Thomas F. X. ; CONTRENI, John J. *Religion, Culture and Society in the Early Middle Ages. Studies in honor of Richard Sullivan*. Michigan: Western Michigan University, 1987, pp. 55-76.
- HEINZELMANN, Martin. *Gregory of Tours: history and society in the sixth century*. Cambridge: University of Cambridge Press, 2001.
- JAMES, Edward. *The Franks*. Oxford: Basil Blackwell, 1988.
- ROUCHE, Michel. *Clovis*. Paris: Fayard, 1996.
- SILVA, Marcelo Cândido da. *Reges pro publicis utilitatibus : le problème de la légitimité royale sous les Mérovingiens de Clovis à Clotaire II (fin Ve – début VIIe siècle)*. Lyon: Université Lumière-Lyon 2, Tese (Doutorado em História), 2002.
- WALLACE-HADRILL, John M. *The Long-Haired Kings*. Toronto: University of Toronto Press, 1993.
- WOOD, Ian. *The Merovingian Kingdoms*. London: Longman, 1994.

NOTAS

¹ Os *Decem Libri Historiarum*, provavelmente escritos entre 580 e 594, são mais conhecidos entre nós como *História dos Francos*. Contudo, a narrativa gregoriana não se resume à história do povo franco, sua origem e ascensão na Gália, como tal título faria supor. Na verdade trata-se de um texto com ambições muito mais amplas. Inicia-se com a criação do mundo e chega até ao registro de acontecimentos dos tempos do próprio autor. Mas, à medida que o relato avança no tempo, ele focaliza cada vez mais a Gália e conseqüentemente o povo que a dominou a partir do século VI, facilitando sua identificação como *Historia Francorum*. Sobre o título da obra e sua relação com as diversas apropriações da mesma, veja-se, sobretudo, W. Goffart (1987). Para um estudo da composição e da estrutura narrativa da obra veja-se, especialmente M. Heinzelmann (2001).

² “Ali, em cada cidade ou aldeia, escolhiam para governá-los reis cabeludos, oriundos da mais antiga e, segundo se diz, mais nobre família dentre eles, o que foi comprovado posteriormente pelas vitórias de Clóvis [...]”. Sobre os primeiros francos vejam-se I. Wood (1994), P. Geary (1988), E. James (1988) e J. M. Wallace-Hadril (1993).

³ “Afirmam também [as fontes consultadas por Gregório] que Clódio, homem hábil e nobilíssimo entre sua gente, foi rei dos francos [...]”.

⁴ “Conheço tua capacidade, e sei que tu é muito vigoroso [...] se nas regiões de além-mar conhecesse alguém melhor do que ti, teria procurado a todo custo me unir a ele.”

⁵ “Ele foi um grande homem e um guerreiro valoroso.”

⁶ “[...] morto Childerico, seu filho Clóvis reinou em seu lugar.”

⁷ A Gália atravessou momentos conturbados nos desde os últimos anos do Império Romano, com vagas de povos germânicos adentrando e conquistando seu território. Para uma visão panorâmica dessa época veja-se M. Rouche (1996).

⁸ Por esse motivo Gregório o denomina *rex Romanorum*. Siágrio representa a última liderança romana na Gália, embora não seja certo que portasse algum título oficial. O pai de Siágrio, Egídio, havia sido reconhecido *magister militum per Galias* pelo imperador de Roma, Majoriano (Rouche 1996: 135).

⁹ O arianismo, doutrina segundo a qual Cristo não é igual em substância ao Pai, foi condenado no Concílio de Nicéia (325) mas retornou por diversas vezes ao cenário religioso do mundo romano de fins da Antigüidade. Muitos de seus adeptos, ao sofrerem o exílio, dirigiram seus esforços missionários para terras fora do *limes* romano, atingindo várias tribos germânicas, como os godos, vândalos e burgúndios. Estes povos, ao adentrarem o Império Romano, eram portanto já cristãos, mas considerados heréticos pelo clero fiel ao credo niceno.

¹⁰ M. Rouche (1996: 225) destaca a amplitude das alianças matrimoniais estabelecidas pelo rei ostrogodo da Itália, Teodorico, formando uma rede de povos, quase todos arianos, ligados por laços dessa natureza. I. Wood (1994) sustenta que Clóvis possa ter sido primeiro ariano e depois católico. Mesmo que essa hipótese possa ser confirmada, o caráter de ruptura de sua adesão à fé nicena se mantém.

¹¹ “*Jesus Cristo, que Clotilde proclama ser filho do Deus vivo, tu que, segundo se diz, auxilia os que sofrem e atribui a vitória aos que em ti esperam, a glória de tua assistência solicito devotamente; se me concederes a vitória sobre estes inimigos e se eu experimentar a virtude miraculosa que o povo dedicado a teu nome declara ter provado, creerei em ti e em teu nome me farei batizar.*”

¹² Gregório de Tours (DLH II,30) situa essa batalha no décimo quinto ano do reinado de Clóvis (496), informando ainda que o rei dos francos mostrou-se clemente para com os vencidos. Mas numa carta que o rei ostrogodo Teodorico lhe enviou a situação retratada é exatamente oposta. Teodorico pede moderação a Clovis, instando-o a não perseguir os alamanos que buscaram refúgio junto aos ostrogodos (Cassiodoro *Variae* II,41 = ROUCHE, 1996: 411-413).

¹³ “*Com efeito, invoquei os meus deuses, mas como pude experimentar, eles se abstiveram de me ajudar. Creio então que são desprovidos de poder, pois não auxiliam os que lhe são obedientes.*”

¹⁴ “*Como um novo Constantino ele se aproxima da pia batismal, para se curar da doença de uma velha lepra e se purificar com água fresca das manchas sórdidas dos feitos passados.*”

¹⁵ Ao invés de tecer longos elogios ao imperador, Gregório prefere lembrar que ele mandara matar a esposa e um filho. Também nisso Clóvis se assemelha a ele nos *Decem Libri Historiarum*, aparecendo também como o assassino de vários parentes.

¹⁶ “*Inclina tua cabeça, sicâmbrio; adora o que queimaste, queima o que adoraste.*” Sicâmbrio era um nome derivado de uma antiga tribo franca.

¹⁷ Em 502 Alarico II e Clóvis encontraram-se em Amboise numa ilha do rio Loire e na ocasião trocaram promessas de paz (DLH II,35). O episódio evidencia a presença franca na região nos anos que antecederam a batalha de Vouillé.

¹⁸ Gregório cita os reis Chararico, Ragnacário (Cambrai) e Sigeberto, o Manco (Colônia). O primeiro foi morto juntamente com um filho, enquanto o segundo pereceu na companhia do irmão Ricário, mais tarde sendo executado também um outro irmão seu, Rignomer (Le Mans). Sigeberto, o Manco, e seu filho Cloderico foram mortos sob instigação de Clóvis, o qual em seguida foi aclamado como rei pelos francos de Colônia. Além desses, o bispo de Tours refere-se ainda a muitos outros reis que teriam sido mortos a mando de Clóvis (DLH II, 40-42).

¹⁹ “*Infeliz de mim que permaneço como um peregrino entre estrangeiros e não tenho parentes que possam me auxiliar, se me vem a adversidade.’ Mas dizia isso não por se condoer pela morte deles, mas sim por malícia, para matar também algum outro, se por acaso pudesse ainda encontrar.*”

²⁰ “*Suporto com muito pesar que esses arianos detenham uma parte das Gálias. Marchemos com a ajuda de Deus, e quando os tivermos vencido submeteremos essa terra à nossa dominação.*”

²¹ “*Onde estará a esperança da vitória, se o bem-aventurado Martinho for ofendido?*”

²² “*Se estás comigo, Senhor, e se decidiste entregar em minhas mãos essa nação incrédula, sempre invejosa de Ti, digna-Te conceder-me o favor de revelá-lo à entrada da basílica de São Martinho, para que eu saiba se Tu te dignarás ser propício a Teu servidor.*”

²³ No texto da Vulgata trata-se do Salmo 17.

²⁴ As citações do Salmo 18 que se seguem não fazem parte do texto gregoriano e foram inseridas numa grafia diferente para facilitar a comparação. O texto seguido é o da Tradução Ecumênica Bíblica.

²⁵ *“Nessa época Clóvis recebeu do imperador Anastácio os codicilos consulares, e revestido de uma túnica purpúrea e da clâmide, na basílica do bem-aventurado Martinho, colocou sobre a cabeça um diadema. Em seguida, montado a cavalo, distribuiu de muito boa vontade ouro e prata pelo caminho situado entre a porta do átrio da basílica do bem-aventurado Martinho e a igreja da cidade, e desse dia em diante foi chamado cônsul e Augusto.”*

²⁶ *“Dia a dia Deus colocava seus inimigos sob sua mão e aumentava o seu reino, porque ele caminhava diante dele com um coração reto e fazia o que era agradável a seus olhos.”*

²⁷ *“Matou também muitos outros reis e parentes próximos, porque temia que lhe tomassem o reino, e assim estendeu seu reino por toda a Gália.”*

²⁸ *“Migravit autem post Vocladense bellum anno quinto. Fueruntque omnes dies regni ejus, triginta anni. Aetas tota, quadraginta quinque anni. A transitu ergo sancti Martini, usque ad transitum Chlodovechi regis, qui fuit undecimus annus episcopatus Licinii Turonici sacerdotis, supputantur anni centum duodecim”* (DLH II, 43).

²⁹ “[...] recordamos tanto as virtudes dos santos quantos os desastres dos povos”.

³⁰ Ário, o primeiro e iníquo inventor dessa iníqua seita, foi lançado ao fogo do inferno, após ter expelido seus intestinos numa latrina. O bem-aventurado Hilário, defensor da Trindade indivisível, por causa da qual foi exilado, foi restaurado em sua pátria e no Paraíso. O rei Clóvis, que a confessou, submeteu os mesmos hereges com a ajuda dele [Hilário], estendendo seu reino por toda a Gália. Alarico, que a rejeitou, foi privado de seu reino, de seu povo e, o que é mais importante, da vida eterna.

³¹ *“Recordai-vos o que fez Clóvis, o autor de vossas vitórias, que matou reis inimigos, massacrrou povos perversos, conquistou-lhes a pátria e deixou para vós um reino íntegro e intacto.”*

³² Sobre a realeza merovíngia vejam-se, especialmente I. Wood (1994), J. M. Wallace-Hadrill (1993) e M. Silva (2000).

³³ Os quatro filhos de Clóvis — Teuderico (511-534), Clodomer (511-524), Childeberto (511-558) e Clotário (511-561) repartiram entre si o seu reino. De 558 a 561 Clotário reinou sozinho. Após sua morte efetuou-se nova divisão, passando a reinar seus filhos Cariberto (561-567), Sigeberto (561-575), Gontrão (561-592) e Chilperico (561-584).

³⁴ *“O rei Clotário avançava qual um novo Davi prestes a se bater conta Absalão seu filho, se lamentando e dizendo: ‘Olha, Senhor, do céu e julgue minha causa, porque é injustamente que sofro os ultrajes da parte de meu filho. Olha e julgue justamente, e impõe o mesmo juízo que outrora impuseste entre Absalão e seu pai Davi’”.*

³⁵ *“Uma vez confirmado no reino, ele [Teudeberto] revelou-se um grande [rei], distinguindo-se por sua bondade universal. Com efeito reinava com justiça, venerando os bispos, presenteando as igrejas, socorrendo os pobres e a muitos concedendo diversos benefícios, com piedosa e dulcíssima vontade”*

³⁶ O mesmo rei [Gontrão], como já muitas vezes dissemos, era grande no exercício da caridade e assíduo às vigílias e jejuns”.

³⁷ “[...] era então considerado não somente um rei, mas também como bispo de Deus, colocando toda sua esperança na misericórdia do Senhor, e dirigindo para ele todos os seus pensamentos que lhe ocorriam, pois pensava em toda a sinceridade de sua fé que por seu intermédio eles poderiam produzir efeito.”

³⁸ Clotário matou com as próprias mãos dois de seus sorinhos (DLH III,18). Posteriormente, ordenou o extermínio de seu filho Chram, juntamente com a nora e as netas (DLH IV,20). Gontrão, por sua vez, ordenou o assassinato de dois desafetos de sua terceira esposa, Austrechilde (DLH V, 17).

³⁹ Clotário I governou como rei único de 558 a 561, ano de sua morte. Mortos seus irmãos, Gontrão deteve na prática o controle de todos os domínios merovíngios, visto serem muito jovens Childeberto II e Clotário II, respectivamente sucessores de Sigeberto I e Chilperico.